



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TURMA: Ciências Sociais – Políticas Públicas

DISCIPLINA: Por uma antropologia do cerrado: imaginários, diferenças e ecologias					
GRADE:			MATRIZ CURRICULAR: Políticas Públicas		
SEMESTRE: 2º			ANO: 2017		
CARGA	HORÁRIA	CARGA	HORÁRIA	CARGA	HORÁRIA
TOTAL: 64 horas		TEÓRICA:		PRÁTICA:	
		50 horas		16 horas	
DATA E HORÁRIO:					
Noturno: segundas e quarta-feiras às 18:45 às 20:20 – Sala: Centro de Aulas C 202					
Horário de atendimento: segundas e quarta-feiras 14:00 ao 18:30 hs – Local: Prédio de Ciências Sociais, piso térreo, sala da coordenação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.					
PROFESSOR: Dr. Luis Felipe Kojima Hirano. Faculdade de Ciências Sociais (FCS)/UFG. E-mail: lfhirano@gmail.com					

Ementa:

Essa disciplina é fruto de um projeto em construção, que além de mim, congrega os professores Alessandro Oliveira, Camila Mainardi, Pedro Vasconcelos e Suzane Alencar Vieira. O cerrado é considerado o segundo maior bioma do Brasil e, nos últimos dez anos, tornou-se um *hotspot* na lista dos ecossistemas em situação crítica. Se é verdade que essas informações ajudam a entender melhor o que está passando no Cerrado, de um ponto de vista antropológico, tal disciplina não busca tratá-lo com um dado da natureza –da perspectiva da ciência ocidental –, ou como algo externo à própria humanidade. Antes, essa disciplina propõe refletir que a dicotomia humanidade/natureza sustenta o projeto de modernização ocidental, responsável pela devastação ambiental que estamos vivenciando mundo afora. O que se pretende é, justamente, pensar os enunciados e relações que produzem diferentes Cerrados e sua diversidade, em interconexão direta com os povos que o constituíram e se constituíram ali. Desse modo, em um primeiro momento, iremos se debruçar nos imaginários do sertão/cerrado e, posteriormente, passando para à discussão da perspectiva antropológica que a disciplina propõe. Para por fim, discutir a bibliografia recente sobre o cerrado.

OBJETIVO GERAL

A disciplina pretende apresentar aos estudantes discussões em torno dos conceitos de cerrado e de sertão a partir de uma perspectiva antropológica, que tem repensado a dicotomia natureza/cultura.

METODOLOGIA/AVALIAÇÃO:

O Curso será ministrado através de aulas expositivas e atividades em sala. **É obrigatória a leitura prévia dos textos indicados para as aulas.**

Frequência: A presença em sala de aula é obrigatória e a ausência em mais de 25% das aulas implicará em reprovação, conforme estabelece o regulamento da UFG.

Avaliação: A avaliação se dará por meio de duas atividades, que valerão de zero a dez. A média final será a soma dos valores obtidos em cada atividade, divididos por dois.

- 1) Projeto de pesquisa (em dupla) sobre algum tema abordado no curso
- 2) Entrega de um trabalho final (em dupla): que será o desdobramento do projeto de pesquisa.

PARTE I: IMAGINÁRIOS DO SERTÃO E DO CERRADO

AGOSTO

21 – Apresentação do curso

23 – SENA, Custódia Selma. A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. Revista Sociedade e Cultura v. 1, n. 1 (1998). Link: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/1776>

28 – SUÁREZ, Mireya. O sertanejo: um personagem mítico. Revista Sociedade e Cultura, 1 (1): 29-39 jan./jun. 1998, link: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/1777/2138>

30 – BAIOCCHI, Mari de Nasaré. Negros de cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás. São Paulo, Editora, Ática, 1983. Capítulos 5 “A comunidade do Cedro” e 8 “Medicina, Religião e Lazer”

SETEMBRO

4 – BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Bichos, brancos e negros em Pirenópolis. Revista de Antropologia, 33, 1990.

6 – Lima, Roberto. Mesoamérica-Sertão: um pouco de análise mítica. R@U, 7 (2), jul./dez. 2015: 57-71. Link: http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2016/10/Serto%CC%83es_7-2_04-Mesoame%CC%81rica-Serta%CC%83o_RobertoLima.pdf

PARTE II: ECOLOGIAS: OUTRAS PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS

11- GUATARRI, Félix. As três ecologias. Campinas, Papirus, 1990.

13 – FOLADORI, Guillermo e TAKS, Javier. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. Mana [online]. 2004, vol.10, n.2 [citado 2017-08-21], pp.323-348. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000200004>.

18 – INGOLD, Tim. A antropologia ganha a vida. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

20 – INGOLD, Tim. Limpando o terreno. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

25 – INGOLD, Tim. Terra e céu. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

27 – LATOUR, Bruno. A referência circulante: amostragem do solo da floresta amazônica. A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: EDUSC, 2001. Capítulo 2.

OUTUBRO

2- LATOUR, Bruno. Da fabricação à realidade: Pasteur e seu fermento de ácido láctico. A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: EDUSC, 2001. Capítulo 4.

4 – ARHEM, Kaj. Ecosofia makuna. Mimeo.

9 – DESCOLA, Philippe. Domesticando a floresta. In: As lanças do crepúsculo. São Paulo, CosacNaify, 2006.

11 – VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena. In: A inconstância da Alma Selvagem. São Paulo, CosacNaify, 2002.

Entrega dos projetos de pesquisa

16 – CUNHA, Manuela Carneiro da e ALMEIDA, Mauro. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: Cultura com aspas. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

18 – ALMEIDA, Mauro. Desenvolvimento entrópico e a alternativa da diversidade. *Ruris*, Vol. 10, n.1, 2016. Link:

<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/2635>

23 – PIEROT, Jean Pierre. "Vida de Pedras: materiais e técnicas na Chapada Diamantina – Bahia". Mimeo

25 – ANPOCS – Não haverá aula.

30 – BARRETTO FILHO, Henyo Trindade Notas para uma história social das áreas de proteção integral no Brasil. In: Terras indígenas e unidades de conservação da Natureza.

Link: http://im.iieb.org.br/files/6813/5299/4616/artigo_henyo.pdf

NOVEMBRO

1 – FLORES, Bárbara Nascimento e TREVISAN Salvador Dal Pozzo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 1 (2015). Link:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37461/28755>

6 – PAES E SILVA, Lays Helena. Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro. *E-Cadernos*, 17, 2012. Link:

<https://eces.revues.org/1123>

PARTE III - DIFERENÇAS: PERSPECTIVAS DO/NO CERRADOS

8 – BARBOSA, Altair Sales. Prefácio. In: __ALMEIDA, Maria Geralda de (org.). *Tantos Cerrados*. Goiânia, Editora Vieira, 2005.

13 – SILVA, Clarinda Aparecida da. Antigos e novos olhares viajantes pelas paisagens do cerrado. In: __ALMEIDA, Maria Geralda de (org.). *Tantos Cerrados*. Goiânia, Editora Vieira, 2005.

15 – CHAVEIRO, Eguimar Felício e BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. Cartografia de um pensamento de Cerrado. In: CASTILHO, Denis e PELÁ, Márcia. *Cerrado: perspectivas e olhares*. Goiânia, Editora Vieira, 2010.

20 – COSTA, João Batista de Almeida. Cerrados Norte mineiro: Populações tradicionais e suas identidades territoriais. ALMEIDA, Maria Geralda de (org.). *Tantos Cerrados*. Goiânia, Editora Vieira, 2005.

22 – ALMEIDA, Maria Geralda de. Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados: os Kalunga de Goiás. In: *Tantos Cerrados*. Goiânia, Editora Vieira, 2005.

27 – LIMA, Sélvia Carneiro. Povo Indígena do cerrado goiano: os Karajá de Aruanã. In: CASTILHO, Denis e PELÁ, Márcia. Cerrado: perspectivas e olhares. Goiânia, Editora Vieira, 2010.

29 – SILVA, Lorrane Gomes. Construção do lugar: trajetórias dos Avá-Canoeiro no cerrado do norte goiano. In: CASTILHO, Denis e PELÁ, Márcia. Cerrado: perspectivas e olhares. Goiânia, Editora Vieira, 2010.

DEZEMBRO

4 – TADDEI, Renzo. Ser-Estar no Sertão: capítulos da vida como filosofia visceral. In: Meteorologistas e profetas da chuva: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera. São Paulo, Terceiro Nome, 2017.

6 – OLIVEIRA, Alessandro Roberto. “Aqui (ainda) não tem meio ambiente”: políticas indígenas do conhecimento na fronteira Brasil-Guiana. Revista Etnográfica: vol. 21 (2) | 2017 : <https://etnografica.revues.org/4900>

11 – VIEIRA, Suzane de Alencar. A arte de criar. In: Resistência e *Pirraça* na malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité. Tese de doutorado, PPGAS-MN, UFRJ, 2015.

13 – Entrega e discussão dos trabalhos